

A construção da pesquisa etnográfica nos espaços urbanos do Brasil: quando a cidade é o campo de estudos

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico; NOGUEIRA, Mariana Hangai Vaz Guimarães; CHIQUETTO, Rodrigo Valentim; TAMBUCCI, Yuri Bassichetto. *Etnografias Urbanas: quando o campo é a cidade*. Petrópolis: Vozes, 2023.

Pedro Henrique Queiroz¹
ORCID: 0009-0005-4428-7482

A obra *Etnografias Urbanas: quando o campo é a cidade* (2023) faz parte do guarda-chuva temático dos estudos e publicações vinculados ao Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU/USP), coordenado pelos docentes Silvana de Souza Nascimento e José Guilherme Cantor Magnani do Departamento de Antropologia da mesma universidade. Magnani, que já possui uma vasta literatura acerca da pesquisa etnográfica em contextos urbanos, lidera a organização da obra e detalha a evolução da linha de pesquisa em Antropologia Urbana no Brasil, em especial na USP, seus paradigmas teóricos e formas de classificação, numa abordagem que se constitui através do “olhar de perto e de dentro” (Magnani, 2002). Todos os co-autores deste livro são Pesquisadores Associados ao NAU, que fazem ou fizeram parte do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP e participaram das pesquisas etnográficas coletivas descritas ao longo da obra.

Magnani et al. (2023, p. 17) deixam evidente que a intenção do texto não é ser um “manual de etnografia”, tendo em vista a grande capacidade de atualização que o método possui, o que evita o emprego de uma rigidez teórica numa abordagem de pesquisa flexível e criativa, possibilitando sua aplicação em contextos e situações socioculturais distintas. A obra, que é dividida em três partes e nove capítulos, expressa muito bem o caráter flexível e adaptativo do método etnográfico, que se desenvolve ao longo do tempo, modificando-se desde a formação da disciplina antropológica, até a sua consolidação no Brasil e a multiplicidade de interesses e abordagens específicas nos trabalhos etnográficos mais atuais.

Na primeira parte da obra, os autores levantam a importância das correntes socioantropológicas das Escolas de Chicago e de Manchester na construção dos paradigmas teóricos do estudo antropológico em contextos urbanos. Esses campos científicos motivaram o surgimento de novas interpretações e óticas de estudo sobre o meio urbano, renovando os questionamentos



¹Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UnB) e cursando a Licenciatura em Sociologia pelo mesmo departamento, Bacharel em Ciência Política, também pela Universidade de Brasília. Faz parte do grupo de pesquisa do Observatório das Metrópoles, núcleo de Brasília. E-mail: phqueiroz94@gmail.com.

dentro das Ciências Sociais e da Antropologia sobre a forma de analisar o *Outro* (Magnani et al., 2023). Como se constitui esse sujeito, que é também objeto de uma pesquisa? Magnani et al. (2023) apontam a construção das relações de estranhamento numa pesquisa social urbana, já que a imagem do *outro* – que passa de *selvagem*, para *primitivo*, depois para o *diferente* e, por fim, se torna *minoría* – foi sempre vista com a conotação exótica dentro da Antropologia.

Acredito que a questão da formulação dos objetos de estudo, ou seja, os sujeitos, seus modos de vida e os significados que orientam seu agenciamento cotidiano dentro de uma dinâmica social específica, é muito importante para o debate que constrói a Etnografia Urbana, já que o seu interesse de pesquisa se desenvolve na mesma cultura da pesquisadora, com indivíduos que muitas vezes compartilham a mesma língua, o mesmo sistema político e os mesmos espaços, dinâmica que exige um refinamento na prática etnográfica voltada para o urbano. Na visão dos autores:

Quando, porém, seu interesse de pesquisa está situado na sua própria cultura, o movimento é inverso: deve transformar o que lhe parece *familiar* em *exótico*. Nesse caso, o objetivo é produzir um *estranhamento*, atitude fundamental para dirigir o olhar etnográfico (Magnani et al., 2023, p. 31, grifos dos autores).

As classificações tradicionais da etnografia urbana formuladas por Magnani – pedaço, mancha, circuito, trajeto e pórtico – traçam as formas de enxergar relações de reconhecimento, pertencimento e afinidade de indivíduos entre si e com o próprio espaço da cidade. As relações entre casa e rua e público e privado podem ser destrinchadas a partir da aplicação das classificações num espaço urbano, já que, por exemplo, tanto as características próprias da casa quanto as da rua são englobadas na ideia de *pedaço*. Para Magnani et al. (2023),

De acordo com DaMatta, a casa é o lugar dos parentes, das relações de sangue – descendência e consanguinidade –, de acolhimento. A rua, lugar do estranho, do diferente e mesmo do perigo – mas também do imprevisto, de novas oportunidades. Nesse esquema, onde entra o *pedaço*? Entre a casa e a rua! Se esta é o lugar do *estranho* e aquela do *parente*, o *pedaço* é o lugar do *chegado*. Sem pedir licença, só o parente pode entrar na casa: de outra forma, intempestiva ou violenta, é a polícia ou o bandido. O *chegado* pode entrar, porém quando convidado e em determinadas ocasiões: uma festa, um batizado, casamento, aniversário. Mas seu lugar, mesmo, é o *pedaço*, espaço intermediário entre aqueles dois domínios, a casa e a rua (Magnani et al., 2023, p. 54, grifos dos autores).



A prática etnográfica vai permitir à pesquisadora que empreenda as categorizações em seu estudo, desde que a preparação para o trabalho de campo – que engloba revisões bibliográficas e construção do projeto de pesquisa – seja efetuada. A fórmula etnográfica já citada nesta resenha, “de perto e de dentro”, possibilita à pesquisa a conexão com os interlocutores, a interação entre os diversos planos de análise de um estudo urbano e a observação desta dinâmica por meio de seus *cenários*, *atores* e *regras*. Na minha visão, a dinâmica etnográfica proposta é

essencial na construção de uma pesquisa social urbana, tendo em vista as peculiaridades que esse tipo de estudo enfrenta. A orientação do olhar, que se posiciona num intermediário ideal no *continuum* macro-micro, é essencial numa etnografia que propõe um estudo nem tão abrangente, genérico, nem tão específico, restrito (Magnani et al., 2023, pp. 65-67).

A obra apresenta experiências de pesquisa etnográfica coletiva empreendidas pelo NAU em parceria com instituições públicas e outros grupos de pesquisa. É importante destacar tais pesquisas, pois elas contam com uma profundidade empírica e teórica impressionantes, características que não são simples de se encaixar numa iniciativa de pesquisa em grupo. Magnani et al. (2023, pp. 169-171) explicam que a pesquisa individual é a forma de pesquisar mais comum na Antropologia, ao ponto da própria área científica priorizar pesquisas individuais.

Apesar disso, os estudos sociais e etnográficos produzidos no Brasil já davam espaço a essa prática científica grupal, como no “Projeto Vale do São Francisco” – uma parceria entre a Universidade de Chicago e a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) da Universidade de São Paulo na década de 1950 (Maio et al., 2013) – e o “Projeto Columbia University – Estado da Bahia”, que, liderado por Anísio Teixeira e Charles Wagley, foi um estudo que visava a analisar os contextos da educação e da saúde na Bahia na década de 1940 (Magalhães et al., 2014). Esses são exemplos de estudos de comunidade que não apenas motivaram o trabalho coletivo de pesquisa antropológica e etnográfica entre estudantes e professores brasileiros e estadunidenses, mas também contribuíram para a institucionalização da área científica (Magnani et al., 2023).

No âmbito do NAU, as etnografias coletivas são incentivadas e se tornaram estudos acadêmicos e sociais bem sucedidos. É o caso da EtnOcupação, ocorrida em 2007, que mesclou prática etnográfica com militância estudantil, acompanhando a ocupação da reitoria da USP e do Grupo de Etnologia Urbana (GEU) – parceria entre o NAU e a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) –, que empreendeu algumas pesquisas etnográficas com coletivos indígenas na região de Manaus e a partir de cidades que se localizam ao longo do Rio Solimões.

Outra experiência de etnografia coletiva marcante empreendida pelo NAU foi a pesquisa “Cultura e lazer: as práticas culturais dos frequentadores do Sesc em São Paulo”, que analisou, em duas etapas, um total de 14 unidades do Sesc em São Paulo, na capital, no litoral e no interior paulistas. A magnitude da pesquisa necessitou do trabalho coletivo de coleta de dados nos espaços dos Sesc, que teve o objetivo de

[...] entender as motivações dos frequentadores em sua procura pelas atividades e serviços oferecidos nas diferentes unidades Sesc no Estado de São Paulo, que estão presentes em diferentes contextos urbanos.” (Magnani et al., 2023, p. 210).



Dessa forma, o estudo demandou uma preparação maior e a aplicação mais aprofundada dos procedimentos prévios da pesquisa. Essa etnografia contou com quatro etapas, a etapa piloto, que elaborou os protocolos de pesquisa coletiva, a etapa pré-campo, traçando o planejamento estratégico do estudo, a etapa do trabalho de campo, na qual os protocolos são aplicados e o olhar “de perto e de dentro” é colocado em ação, e a etapa pós-campo, na qual os relatos de campo são consolidados, analisados e formalizados nos relatórios de campo, produzindo um grande volume de informação e dados qualitativos.

A pesquisa buscou compreender o espaço que as unidades do Sesc ocupam na cidade e no imaginário coletivo dos seus frequentadores, abordando temáticas como cultura, esporte, lazer e sociabilidade, identificando uma série de “unidades de sentido” (Magnani et al., 2023, p. 219) que são aplicadas por funcionários e frequentadores dos Sesc, o que auxiliou na análise dos significados que são atribuídos ao Sesc e suas dinâmicas cotidianas. Com um esforço coletivo de pesquisa, foi possível aumentar o escopo de abrangência do estudo, cobrindo mais unidades do Sesc, consequentemente mais regiões e realidades sociais diferentes em que o Sesc está presente, trazendo um aspecto de totalidade para a pesquisa, sem perder o detalhamento, característica central de uma etnografia. Pesquisas como essa são importantes para compreender melhor as relações que os moradores de grandes cidades e regiões metropolitanas mantêm com os espaços da cidade e como eles contribuem para as relações entre os indivíduos que os frequentam.

Por fim, o livro *Etnografias urbanas: quando o campo é a cidade* constitui-se como uma grande condensação das etnografias produzidas pelo LabNAU-USP, das perspectivas científicas que constroem os estudos sociais de populações urbanas e das contribuições teóricas de José Magnani para o fazer etnográfico na cidade. A leitura dessa obra é amplamente indicada para aqueles que possuem interesse pelos estudos urbanos, seja na ótica antropológica, sociológica ou até geográfica, já que a aplicação da metodologia teórico-etnográfica apresentada no livro aprofunda as análises de dinâmicas sociais que acontecem através dos espaços urbanos. O diálogo entre contextos urbanos diversos (interior, litoral, metrópole e áreas ribeirinhas) é incentivado na obra, sustentando que a etnografia urbana é um caminho metodológico nutrido de flexibilidade, rigor teórico e aplicabilidade diversificada.



Referências

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha; LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. Projeto de pesquisa “revisitando o Projeto Colúmbia”. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, SP, v. 14, n. 56, p. 6–16, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAIO, Marcos Chor; OLIVEIRA, Nemuel da Silva; LOPES, Thiago da Costa. Donald Pierson e o Projeto do Vale do Rio São Francisco: Cientistas Sociais em Ação na Era do Desenvolvimento. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 2, p. 245-284, 2013.

Recebido em 30/08/2024
Aprovado em 14/11/2024
Publicado em 31/12/2024

